

VIAJANDO COM JULIO VERNE: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

TRAVELING WITH JULIO VERNE: A PEDAGOGICAL PRACTICE

Simone Maria Bacellar Moreira¹

¹ Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

<https://orcid.org/0009-0005-5527-3908>

simonetrales@yahoo.com.br

Recebido em 30 jul. 2023

Aceito em 12 set. 2023

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar um relato de experiência com o uso de sequência didática na sala de aula de língua portuguesa, aplicada a alunos do ensino Fundamental em um colégio situado em Niterói, Rio de Janeiro. A partir da leitura de uma adaptação do clássico da literatura universal, "A volta ao mundo em 80 dias" de Julio Verne (2012), foi possível trabalhar práticas com vários gêneros textuais. Tendo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2014) como uma das orientações, planejou-se um projeto interdisciplinar, envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa, Produção Textual e Geografia em turmas de 7º ano. O projeto permitiu enveredar em um caminho no qual a prática da linguagem é entendida como discurso e produção social e desenvolveram-se a expressão oral, a compreensão leitora, e a produção escrita. Foram elaboradas estratégias pedagógicas de leitura que permitiram que os alunos ampliassem habilidades intrínsecas ao ato de ler. Por meio da viagem da personagem Phileas Fogg, um cavaleiro britânico, foi possível conhecer diversas culturas e, assim, refletir sobre a nossa própria realidade. O embasamento teórico dessa experiência segue a linha da BNCC (BRASIL, 2017), Paulo Freire (2000), Ana Maria Machado (2002) e Rildon Cosson (2006).

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Formação de Leitor. Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. Letramento.

Abstract: This text aims to present an experience report on the use of didactic sequence in the Portuguese language classroom, applied to elementary school students in a school located in Niterói, Rio de Janeiro. By reading of an adaptation of the universal literature classic "Around the World in 80 Days" by Jules Verne (2012), it was possible to work with various textual genres. Guided by the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC, 2014), an interdisciplinary project was planned, involving the subjects of Portuguese Language, Text Production, and Geography for a 7th-grade class. The project allowed delving into a path where language practice is understood as discourse and social production, developing oral expression, reading comprehension, and written production. Pedagogical reading strategies were elaborated to enable students to develop intrinsic reading skills. Through the journey of the character Phileas Fogg, a British knight, it was possible to get to know different cultures and, thus, reflect on our own reality. The theoretical foundation for this experience follows the guidelines of BNCC (BRASIL, 2017), Paulo Freire (2000), Ana Maria Machado (2002), and Rildon Cosson (2006).

Keywords: Children and Young Adult Literature. Reader Formation. Portuguese Language and Literature Teaching. Literacy.

1. INTRODUÇÃO

Ler é sonhar pela mão de outrem.
Ler mal e por alto é libertarmo-nos da mão que nos conduz.

A superficialidade na erudição é o melhor modo de ler bem e ser profundo

Fernando Pessoa

Machado de Assis, José de Alencar, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Shakespeare são nomes que estudantes de ensino básico já devem conhecer, ou mesmo, ouvirem falar, de personagens que escritores de obras clássicas deram vida como Dom Quixote, Capitu, Macabéa, Drácula, Frankenstein, Os três mosqueteiros, Romeu e Julieta, seja porque apareceram em alguma atividade em seu livro didático, ou em alguma obra ou filme que deram nova vida a esses personagens. Tem-se a sensação de que conhecemos, ou mesmo já lemos, a história, mesmo sem nunca as ter saboreado. Fica a pergunta: será que os clássicos não encantam mais os leitores acostumados com a interatividade das telas de *smartphone* e de computadores?

Impossível começar a escrever esse texto e não se deparar com essa questão, que nos perseguiu desde o início da elaboração do projeto literário, e outras que são desdobramentos desta: por que apresentar um clássico para os estudantes do ensino básico e qual a importância da leitura dos clássicos para eles? Recorremos, inicialmente, ao significado da palavra clássico. Numa pesquisa rápida pelos dicionários disponíveis na internet, nos confrontamos com a seguinte definição, que não nos ajuda a responder a essas perguntas:

Adj:

1 Relativo à literatura, às artes e à cultura da Antiguidade greco-latina.

2 Que tem como referência a tradição de Antiguidade greco-latina.

3 Diz-se da obra ou do autor que é de estilo impecável e constitui modelo digno de admiração.

4 Que é autorizado por autores considerados modelares.

5 Que constitui modelo em belas-artes.

6 Que se opõe ao romantismo.

7 Que tem como base a tradição; tradicional (MICHAELIS, 2023, n. p.).

O que diriam os teóricos sobre o que é um clássico? O teórico, crítico e professor britânico, Terry Eagleton, em *Como ler literatura*, diria que “um clássico da literatura [...] é não tanto uma obra de valor imutável, e sim uma obra capaz de gerar novos

significados ao longo do tempo. [...] um caso de amor que dura ao longo do tempo” (EAGLETON, 2016, p. 187). Perrone-Moisés (1998) reflete o motivo de uma obra literária tornar-se um clássico e, segundo a pesquisadora, somente o tempo é capaz dessa transformação. Um clássico é capaz de, ao mesmo tempo, que transmite valores e realidade de seu tempo, transcende a sua época, em razão de carregar em si sentimentos humanos universais, daí a sua atemporalidade:

O grande juiz da obra literária é o tempo. Se uma obra continua a suscitar novas leituras, não é porque ela contém valores essenciais, mas porque ela corresponde a indagações humanas de longa duração, concernentes à vida e à morte, ao amor e ao ódio, à paz e à guerra, e porque essas indagações estão nela formuladas numa linguagem cuja eficácia significativa é reconhecida por leitores de sucessivas épocas. É esse reconhecimento que faz um clássico [...] (PERRONE-MOISÉS, 1998 p. 65).

Assim recorremos a pesquisadores da área literária para refletir sobre o que pensam alguns deles sobre o tema. Facilmente, poderíamos concordar com as 14 razões que Italo Calvino (2007) enumera para a leitura dos clássicos, em sua obra *Por que ler os clássicos*, ou ainda reconhecer que a literatura está estritamente relacionada à humanização e é um direito de todos os cidadãos numa sociedade democrática como estabelece o crítico literário Antonio Candido:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995 p. 180).

Continuando nossa reflexão, nos apoiamos também nos ensinamentos de Paulo Freire, em *A importância do ato de ler* (2000), quando nos elucida que há necessidade de se ler um clássico com seriedade e, sobretudo, se aprofundar na sua leitura, na procura de sua essência; somente assim viabilizaremos nossa prática enquanto docentes e estudantes:

Parece importante, contudo, para evitar uma compreensão errônea do que estou afirmando, sublinhar que a minha crítica à magicização da palavra não significa, de maneira alguma, uma posição pouco responsável de minha parte com relação à necessidade que temos, educadores e educandos, de ler, sempre seriamente, os clássicos neste ou naquele campo do saber, de nos

adentrarmos nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes (FREIRE, 2000, p. 18).

Ana Maria Machado (2002) dedica um livro, *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002), assim como o fez Italo Calvino (2007), para defender a ideia da necessidade de ler os clássicos desde cedo como um patrimônio da humanidade:

Este patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca. E não vou deixar ninguém me engambelar – como diz a letra do forró – nem vir com conversa fiada para eliminar totalmente da minha vida a possibilidade de dedicar um certo tempo e atenção aos livros. De boa qualidade, é evidente, porque já que há tanta coisa atraente no mundo e tão pouco tempo para tudo, não vou desperdiçar minha vida com bobagem (MACHADO, 2002, p. 19).

São diversas razões que nos levam a apresentar a literatura clássica aos estudantes, deve-se, então, seguir o conselho de Harold Bloom, em *Como e Por que ler*, que reflete, não mais por que (os) ler os clássicos, mas como lê-los: “exorto o leitor a procurar algo que lhe diga respeito e que possa servir de base à avaliação e à reflexão. Leia plenamente, não para acreditar, nem para concordar, tampouco para refutar, mas para buscar empatia com a natureza que escreve e lê” (BLOOM, 2001, p. 25).

Concordando com o posicionamento de Perrone-Moisés (1998), de Italo Calvino (2007), de Harold Bloom (2001), de Freire (2000) e de Ana Maria Machado (2002), acreditamos que o professor realmente não deve deixar de atentar em seu plano de aula na disciplina de Língua Portuguesa, sobre a leitura das obras clássicas brasileiras e universais. Sua função é cativar seu aluno para o universo da leitura e dos clássicos. Afinal, “clássico não é um livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda” (MACHADO, 2002, p. 15).

2. O ETERNO VISIONÁRIO JULIO VERNE

INICIAÇÃO LITERÁRIA

Leituras! Leituras! Como quem diz:

Navios... Sair pelo mundo voando na capa vermelha de Júlio Verne*.

Mas por que me deram para livro escolar

a Cultura dos Campos, de Assis Brasil?
O mundo é só fosfatos — lotes de 25 hectares
— soja — fumo — alfafa — batata-doce — mandioca
— pastos de cria — pastos de engorda.
Se algum dia eu for rei, baixarei um decreto
condenando este Assis a ler sua obra
Carlos Drummond de Andrade

O escritor francês Jules Gabriel Verne Allotte, conhecido simplesmente como Júlio Verne, é apontado na literatura como o “pai da ficção científica”. O século XIX é marcado pela ideia otimista de progresso que instigou os europeus, principalmente pelo desenvolvimento científico- tecnológico gerado pela Revolução Industrial Inglesa. Lembrando que a partir da segunda metade do século XIX, surgiram as exposições mundiais que serviam como vitrines para divulgar ao mundo os progressos da ciência e da técnica. Em suas obras, apresenta previsões de avanço científico-tecnológicos, que mais tarde se tornaram realidade, como o helicóptero e o submarino.

2.1 O PERSONAGEM JULIO VERNE E SUA OBRA

Nascido em 8 de fevereiro de 1828, em Nantes, na França. Desde criança é um apaixonado por livros e, em especial, por narrações de viagens e aventuras, tinha uma paixão especial pelo mar e pelas ilhas. Verne se inicia na arte literária desde cedo com peças e poemas.

Em 1848, Verne muda-se para Paris por influência do pai que o pressiona a estudar advocacia e desistir de sua vocação para a literatura. Entretanto, esse período, em que passou na cidade, frequentando os salões parisienses, serve-lhe para reforçar ainda mais a vontade de ser escritor. Em contato com grandes literatos, chega a escrever operetas com Michel Carré. Em 1850, colabora com o já famoso Alexandre Dumas, autor de *O conde de monte Cristo* e dos *Três mosqueteiros*, na comédia teatral *Amizades Partidas*. Com relativo sucesso da peça, Verne decide finalmente largar o Direito e partir para a carreira de escritor.

No início dos anos 60, em 1863, conhece o editor Pierre-Jules Hetzel que muda totalmente sua vida, dando-lhe estabilidade financeira com o lançamento do seu primeiro livro *Cinco semanas em um balão*, seu primeiro grande sucesso. Fato curioso

é que essa obra que foi um grande sucesso e alavancou sua carreira de escritor, havia sido recusada por 15 editores.

Diante desse sucesso, no período de 1863 e 1919, Jules Verne começa a escrever uma coleção intitulada *Viagens Extraordinárias*, composta por mais de 60 obras entre romances e novelas, sempre em parceria com Hetzel. Assim declara o filósofo francês Michel Serres sobre a importância dessa obra para seu tempo: “(...) *Viagens Extraordinárias*: escritos para o uso das crianças, publicavam-se no *Magasin d'éducation et de récréation*, de Hetzel. Crianças de sete a setenta e sete anos, é claro. Elas foram para a juventude de algumas gerações o que deve ter sido a Odisseia para a juventude grega” (SERRES, 1974, p. 13, tradução nossa).¹

A popularidade de sua obra foi, e ainda é, tanta que é possível lê-la em várias línguas, do alemão, português, holandês, sueco e russo, ou até mesmo do japonês e do árabe, no caso de *Volta ao mundo em oitenta dias*.

Entretanto, sua obra não fica restrita ao mundo infantil, uma vez que Verne divulga, através das aventuras vividas pelos seus personagens, conhecimentos tecnológico-científicos, que eram de sua época:

O texto típico de Verne-Hatzel combina didatismo enciclopédico com aventuras diversificadas em uma narrativa desenvolvida com vigor, em geral estruturada em torno de uma viagem motivada por uma força externa (fuga de pesquisadores, a busca urgente de solução para um mistério ou de algum outro objetivo específico; mais raramente o motivo é uma simples exploração) (ROBERTS, 2018, p. 267).

Havia o público mais jovem, que se interessava pelas aventuras das personagens, e o adulto, que se interessava pelo discurso tecnológico-científico. Em seu prefácio à edição do romance *As aventuras do capitão* (1866), seu editor e parceiro nas aventuras literárias, Hertznel, declara que Verne na obra pretende “[...] resumir todo o conhecimento geográfico, geológico, físico, astronômico, acumulado pela ciência moderna, e refazer, sob a forma atrativa e pitoresca que lhe é própria, a

¹ Original em francês: (...) *Voyages Extraordinaires* : écrits à l'usage des enfants, ils paraissaient au *Magasin d'éducation et de récréation* d'Hetzel. Enfants de sept à soixante-dix-sept ans, bien entendu. Ils furent à la jeunesse de quelques générations ce que dut être l'*Odyssée* à la jeunesse grecque. (SERRES, 1974, p. 13)

história do universo”² (HERTZEL, 1866 apud SCHEINHARDT, 2011, p. 176, tradução nossa).

Em 1863, Verne escreve *Paris no século XX* (VERNE, 2006), mostrando um lado pessimista diante do futuro e dos avanços tecnológicos, até então, valorizados em sua literatura. A obra é uma crítica pessimista à cidade no futuro. O livro só é publicado mais de um século, em 1989, quando descoberto por seu bisneto. Sua publicação havia sido rejeitada pelo Hertznel, por considerá-lo bem diferentes dos seus livros de sucesso, de conteúdo aventureiro. Neste livro, Verne já não se mostra tão entusiasmado pelos avanços tecnológicos. Trata-se de uma Paris moderna, mas num cenário, triste, deprimente, no qual a arte não é valorizada.

Verne chega a dedicar um livro, em 1881, *A jangada: 800 léguas pelo Amazonas* (VERNE, 2020), pouco conhecido entre seus leitores, a uma viagem ao rio Amazonas. O livro é o relato de uma viagem em uma pequena jangada, repleta de aventuras até Belém. Fato curioso é pensar o que levou Julio Verne a escrever sobre o país, provavelmente por ser um país considerado exótico aos olhos europeus da época. É sabido que o autor nunca esteve no Brasil, sabe-se apenas que teve um encontro em 1870 com a princesa Isabel e outros membros da realeza brasileira. Entretanto, como as demais obras, descreve um país com riqueza de detalhes na sua flora e sua fauna, assim como relata o encontro com as diversas composições étnicas presentes em seu contexto: o branco, o negro e o indígena.

Seu último livro publicado é *O senhor do mundo* (VERNE, 2002), no ano de 1904, que descreve um veículo, mistura de automóvel, barco, submarino e avião. Verne morre em 24 de março de 1905, aos 77 anos, famoso em todo o mundo. Em seus últimos instantes de vida, tem entre suas mãos e abraçado a um exemplar de *Vinte mil léguas submarinas* se despede desse mundo.

2.2 Uma análise de *A volta ao mundo em oitenta dias*

² Original em francês: [...] résumer toutes les connaissances géographiques, géologiques, physiques, astronomiques, amassées par la science moderne, et refaire sous la forme attrayante et pittoresque qui lui est propre l’histoire de l’univers.

A Volta ao Mundo em 80 Dias (VERNE, 2012), escrita em 1872, é uma obra clássica de aspectos únicos e autênticos, que a caracterizam como tal. A começar pelo enredo, o qual trata-se de viagem de aventura repleta de desafios pelas principais capitais do mundo, a fim de ganhar uma grande aposta de 20 mil libras.

Verne narra a história de Phileas Fogg, um cavalheiro metódico e reservado, morador da cidade de Londres no ano de 1872, frequentador do *Reform Club*, um dos clubes mais tradicionais da sociedade britânica, e somente frequentado por aristocratas britânicos. Numa reunião com amigos neste clube, Fogg se envolve em uma acalorada discussão e faz uma aposta com os frequentadores do clube de que seria capaz de executar a volta ao mundo em 80 dias: “Aposto vinte mil libras que darei a volta ao mundo em oitenta dias, ou seja, em mil novecentas e vinte horas e quinze mil e duzentos minutos” (VERNE, 2012, p. 15).

Assim, começa a grande aventura do personagem com seu parceiro Passepartout. Importante levar em conta, que o livro foi escrito em 1873, naquela época viajar de um continente para outro não era simples como agora, com os avanços tecnológicos e a invenção do avião. Como em todos os seus romances, Verne descreve de maneira detalhista as paisagens e os aspectos culturais de região. Podemos relatar de forma breve a trajetória de Phileas Fogg e Passepartout do seguinte modo: partem de trem de Londres a Dover, fazendo a travessia de navio do canal da Mancha até Calais, na França. Posteriormente saem de Paris, de trem, seguindo até Turim e Brindisi, porto italiano no mar Adriático. Saem de Mongolia de trem, cruzando o canal de Suez, chegando em Bombaim, na Índia. Seguem de trem para Calcutá, embarcam num navio para Rangoon para Singapura e para Hong Kong, e na escuna *Tankadere* para Yokohama, no Japão. Para chegar em São Francisco, nos Estados Unidos, embarcam no navio General Grant. Cruzam o país americano utilizando o trem Pacific Railroad até Nova York, e de lá, embarcam no navio Henriquetta, chegando ao porto de Liverpool, na Inglaterra e, finalmente, retornando a Londres de trem.

A aventura é ainda enriquecida com o Phileas Fogg sendo acusado pelo detetive Fix de ser um audacioso assaltante de banco da Inglaterra. Ao longo do caminho, o enigmático e calculista Phileas Fogg enfrenta vários obstáculos e desafios, incluindo perseguições policiais, adversidades climáticas, acidentes e contratempos. O escritor

elabora diferentes incidentes para que o leitor possa conhecer e refletir sobre várias culturas e religiões, como quando descreve o antigo costume hindu Sati, o sacrifício da viúva na fogueira junto ao falecido marido: “(...) se a mulher não fosse queimada, teria uma vida insuportável. A própria família lhe raspava a cabeça e ela seria alimentada apenas com alguns punhados de arroz, morrendo como um cão sarnento” (VERNE, 2012, p. 48). Se junta à aventura a adorável Auda, que é salva pelos personagens Fogg e Passepartout, e será a futura esposa de Fogg “[...] uma esposa encantadora com quem, por mais incrível que possa parecer, ele foi o mais feliz dos homens” (VERNE, 2012, p. 48).

É notório que, em algumas passagens no livro original, percebem-se narrativas preconceituosas, comuns ao pensamento europeu da época e que podem apresentar visões estereotipadas sobre as diferentes culturas:

[...] não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte da nossa identidade cultural e não há maneira de atingir a maturidade do leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la (COSSON, 2006, p. 33-34).

Vejamos alguns exemplos:

- a) Preconceito em relação a indianos: Ao chegarem à Índia, o livro descreve os indianos como supersticiosos, estranhos e com práticas culturais estranhas aos olhos dos protagonistas europeus: “Toda esta parte do alto Bundelkund, pouco frequentada por viajantes, é habitada por uma população fanática, endurecida nas práticas mais terríveis da religião hindu.” (VERNE, [19--?], p. 68);
- b) Visão estereotipada das japonesas: Durante sua passagem por Yokohama, os personagens retratam as japonesas como “algumas mulheres pouco bonitas, os olhos contraídos, o peito deprimido, os dentes enegrecidos ao gosto local, mas levando com elegância o traje nacional, o ‘kirimon’”. (VERNE, [19--?], p. 136);
- c) Visão sobre os povos árabes: Há momentos em que os personagens expressam medo e desconfiança em relação aos árabes, como durante a jornada pelo Egito: “Nem sequer sonhava com os perigos deste golfo Árábico, do qual os antigos, Estrabão, Arrien, Artemidoro, Edrisi; sempre falaram com assombro, e no qual

os navegadores não se aventuravam jamais em outros tempos sem antes ter consagrado sua viagem por sacrifícios propiciatórios.” (VERNE, [19--?], p. 47);

- d) Estereótipos sobre os norte-americanos: Em algumas passagens do livro, há uma visão estereotipada dos norte-americanos, retratando-os como pessoas rudes, pouco sofisticadas e acostumadas a resolver problemas com violência: “[...] com os hábitos negligentes dos americanos, pode se dizer, que quando eles se põem a ser prudentes, é loucura não o ser.” (VERNE, [19--?], p. 174).

É interessante reconhecer que essas representações culturais parecem ser fruto do contexto histórico e da mentalidade da época em que o livro foi escrito. Na adaptação do livro, que selecionamos para ler com nossos estudantes, essas passagens desaparecem da narrativa. Entretanto, o que permanecem são descrições das diversidade e complexidade das diferentes culturas em todo o mundo como no episódio da barbearia em Hong Kong: “Entrou num salão de um barbeiro chinês para se barbear ‘à chinesa’ e soube por ele, num inglês até que razoável, que todos aqueles anciões tinham, no mínimo, oitenta anos, e naquela idade adquiriam o privilégio de usar o amarelo, a cor imperial” (VERNE, 2012, p. 69)

O desfecho da narrativa não poderia ser mais empolgante, os personagens passam da frustração à alegria. Há mais uma reviravolta emocionante, Fogg e Passepartout, ao terminarem a volta ao mundo, se veem diante de uma decepção: se atrasam em 05 minutos em relação ao prazo estipulado na aposta, mas Passepartout prova que estão dentro do prazo, explicando o movimento da Terra e influência fuso-horário:

Phileas Fogg ganhara um dia em seu percurso. Isso porque tinha dado a volta pelo Leste. Cada grau que andava pela direita, o senhor Fogg ganhava quatro minutos. Como a circunferência terrestre mede 360 graus, multiplicando esses 360 por 4 minutos, o resultado são 1.440 minutos, ou seja, 24 horas: o dia que ele ganhou sem saber (VERNE, [19--?], p.127).

3. DE LEITURAS ÀS ATIVIDADES

Após as reflexões anteriores, se pensarmos alguns argumentos importantes para lermos a literatura clássica nas salas de aula, podem-se reunir alguns como:

- a) Desenvolver o pensamento crítico ao abordar temas complexos, personagens multifacetados e dilemas morais. Ao analisar e discutir essas obras, os estudantes são motivados a desenvolver habilidades de pensamento crítico, de compreensão emocional e de capacidade de avaliar questões éticas;
- b) Ampliar o vocabulário e a linguagem ao ser apresentado a uma linguagem mais elaborada e diversificada;
- c) Compreender melhor os contextos históricos e sociais de uma determinada época e refletir sobre a atual;
- d) Desenvolver a empatia ao vivenciar emoções e experiências humanas universais;
- e) Estabelecer relações interdisciplinares com a história, a ciências sociais e a filosofia, permitindo uma maior compreensão do mundo.

Diante de todos esses argumentos favoráveis, como a BNCC estabelece importância de tais atividades? Sabe-se que esses documentos foram criados para orientar a construção dos currículos das redes de ensino, tanto públicas quanto privadas, em todos os níveis de educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Eles têm como objetivo definir diretrizes e estabelecer as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo de sua trajetória escolar. A BNCC do Ensino Fundamental II (BRASIL, 2017) declara a importância da literatura no ensino por meio de diversas competências e habilidades presentes em diferentes áreas de conhecimento. A seguir, destacam-se algumas delas nas mais diversas disciplinas. Em Língua Portuguesa, há um destaque para o ensino de literatura, ao entender que:

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2017, p. 140).

E acrescenta ainda que:

Por fim, destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (BRASIL, 2017, p. 141).

Já na disciplina de História:

O exercício da interpretação – de um texto, de um objeto, de uma obra literária, artística ou de um mito – é fundamental na formação do pensamento crítico. Exige observação e conhecimento da estrutura do objeto e das suas relações com modelos e formas (semelhantes ou diferentes) inseridas no tempo e no espaço. Interpretações variadas sobre um mesmo objeto tornam mais clara, explícita, a relação sujeito/objeto e, ao mesmo tempo, estimulam a identificação das hipóteses levantadas e dos argumentos selecionados para a comprovação das diferentes proposições (BRASIL, 2017, p. 399-400).

A BNCC do Ensino Fundamental destaca a importância da literatura no processo de ensino-aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades de leitura, de interpretação, de escrita e de análise crítica, além de promover o enriquecimento cultural e o estímulo à criatividade dos alunos. Trabalhar a literatura no ensino permite que os estudantes explorem diferentes contextos históricos e culturais, desenvolvendo uma compreensão mais ampla do mundo ao seu redor.

3.1 Planejando a leitura

Partindo da abordagem educacional denominada multiletramentos, começamos a planejar nosso projeto. Entende-se que o uso dessa abordagem capacita os alunos para serem cidadãos ativos e competentes em uma sociedade cada vez mais globalizada e mediada por múltiplas formas de comunicação. Esse conceito reconhece que a leitura e a escrita não se limitam apenas ao domínio do código linguístico tradicional (leitura e escrita alfabética). Em vez disso, entende-se que vivemos em uma sociedade cada vez mais complexa e tecnologicamente avançada, na qual a comunicação e a expressão ocorrem por meio de diversos modos e linguagens, como textos impressos, digitais, visuais, sonoros, audiovisuais e outros. Essa abordagem expande a noção tradicional de letramento (alfabetização) e reconhece a importância de desenvolver habilidades em diferentes esferas sociais,

que vão da prática de ler, de escrever, de interpretar a de produzir textos nos mais variados contextos e mídias. Dessa forma, o conceito de multiletramentos enfatiza que os indivíduos precisam ser competentes em diversas linguagens e mídias para participar ativamente da sociedade contemporânea. Algumas características dos multiletramentos incluem a integração de diferentes linguagens como a linguagem escrita, visual, sonora, gestual e outras, considerando que cada uma delas possui características próprias e códigos específicos; a cultura digital e tecnológica, envolvendo o uso crítico e criativo das mídias digitais, bem como a capacidade de discernir informações confiáveis em um mundo cheio de informações e desinformação; a contextualização social, levando em conta a diversidade cultural e social dos alunos e as diferentes práticas de leitura e escrita presentes em suas vidas fora da escola; o desenvolvimento de habilidades críticas para que os alunos possam analisar e interpretar textos de diferentes fontes, refletindo sobre seus propósitos, audiências e significados.

3.2 Sequência Básica segundo Rildo Cosson

Nossa sequência didática é baseada, na proposta por Rildo Cosson, em *Letramento Literário* (2006). Cosson é autor e pesquisador da área de literatura infantil e juvenil, além de ser referência em estudos sobre leitura e formação de leitores. Foi professor de diversas universidades públicas e atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados e pesquisador do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG.

Sua sequência básica para trabalhar com literatura em sala de aula pode ser descrita por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A primeira é a motivação para leitura. É necessário criar um ambiente que favoreça o interesse dos alunos pela leitura. Isso pode ser feito através de atividades como rodas de leitura, contação de histórias, apresentação de livros interessantes. Vale ressaltar que a escolha da obra é fundamental, deve-se à faixa etária dos alunos e aos objetivos pedagógicos. A segunda etapa é a apresentação do autor e da obra. A terceira etapa é quando, finalmente, faz-se a leitura da obra. Pode-se utilizar de várias estratégias

como a leitura compartilhada, que pode ser feita de várias maneiras como, por exemplo, a forma de leitura colaborativa, em que cada aluno lê um trecho da história. A quarta etapa é discussão e análise da obra. Promovem-se discussões em sala de aula sobre os aspectos da obra, como personagens, enredo, cenário, mensagem central, estilo do autor. Nessa etapa deve-se estimular a compreensão da história, explorando a interdisciplinaridade da literatura. É importante também que o docente incentive os estudantes a desenvolverem o hábito de leitura autônoma, oferecendo acesso a uma variedade de livros e criando momentos de leitura livre na sala de aula. Ao final do trabalho com a literatura, deve-se fazer uma reflexão coletiva sobre o processo de leitura, os aprendizados adquiridos e os gostos literários descobertos. Lembrando que essa é uma sequência básica e flexível, podendo ser adaptada de acordo com as características da turma e os objetivos específicos de cada atividade, como foi feita na atividade proposta por este artigo. O importante é sempre valorizar a leitura como uma ferramenta essencial no desenvolvimento dos alunos e na formação de cidadãos críticos e reflexivos (COSSON, 2006).

3.3 Viajando com Julio Verne na sala

Inicialmente, com base na sequência básica de Cosson (2006), adaptada conforme nossas necessidades, é feita a motivação da leitura e a introdução da obra selecionada. Nas primeiras aulas, antes que os alunos começassem a ler o livro, a professora de língua portuguesa ficou responsável em apresentar o escritor. Conversou-se com a turma sobre quem foi Julio Verne e suas principais obras, enfatizando a temática de viagens e de aventuras presentes em seus escritos. Ainda destacou sua criatividade, sendo considerado um dos pioneiros da ficção científica por suas ideias visionárias e inovadoras, que anteciparam muitos avanços tecnológicos e eventos históricos de sua época. Explicou-se que o escritor idealizou, em seus romances, máquinas muito avançadas para seu tempo como um submarino, o Nautilus, em 1870, na obra *Vinte Mil Léguas Submarinas* (VERNE, 2019) e, em 1865, uma cápsula espacial em *Da Terra à Lua* (VERNE, 2021).

Logo após a conversa inicial, para também explorar o que os estudantes sabem do escritor, foi exibido o documentário *Meu Júlio Verne* (55 minutos) (2012), postado

no *Youtube* no canal da TV Escola, que apresenta como o autor com sua literatura influenciou cientistas, engenheiros, escritores, cineastas e até mesmo astronautas. Durante a exibição do documentário, os alunos foram orientados em fazer anotações sobre os pontos importantes, conceitos-chave e qualquer dúvida ou pensamento que surja durante o processo.

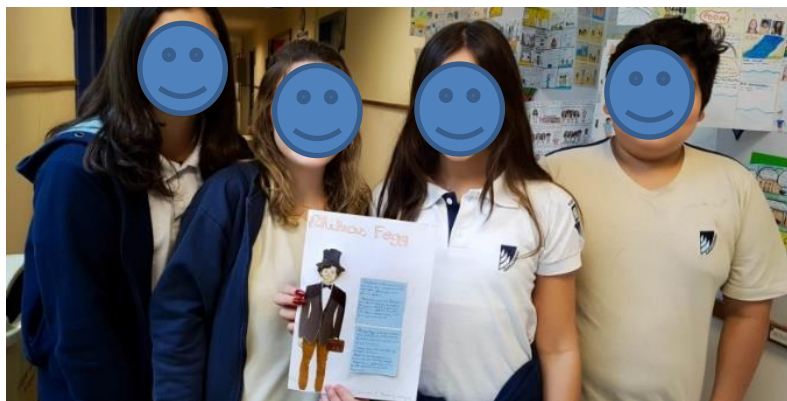
Houve uma discussão em grupo, após a exibição do documentário. Foi feita uma roda de conversa para discutir as impressões e informações importantes que os alunos captaram do documentário. Para tal discussão a professora citou algumas afirmações proferidas pelos profissionais que declaram a importância de Julio Verne em suas vidas como “essa leitura me deu coragem para enfrentar todos os perigos”, “Perseguir seu sonho e dedicar toda a sua força e energia para alcançá-las”, “Viajar na imaginação”, “Conseguir ir além apesar da dor”, “Superar o sofrimento”, “Poder sobre o nosso corpo”, “Perceber que o ser humano é muito mais do que pele, músculo e osso” e “aventura também é uma forma de realizar seus sonhos” (MEU JÚLIO..., 2012, informação verbal). Refletiram também questões como o fato do astronauta que só poderia levar dois livros para sua missão no espaço e escolheu levar o livro de Julio Verne, *Da Terra à Lua*, declarando que foi lendo o escritor que ele desenvolve o desejo de ser um aventureiro: “acho que sou feito do mesmo material daqueles personagens” (MEU JÚLIO..., 2012, informação verbal).

Outra questão que foi discutida com os alunos foi o método utilizado pelo escritor para escrever. Ele desenvolvia um trabalho metódico de escrita, que exigia um plano como aparece no documentário. O objetivo nessa discussão era mostrar que a escrita é uma atividade que requer esforço e planejamento, o texto nunca “nasce” pronto. Esse cuidado com a escrita contribuiu significativamente para o seu sucesso. O seu processo de escrita iniciava com uma pesquisa detalhada, garantindo que suas histórias fossem embasadas em fatos e teorias científicas da época. Apesar de muitas vezes apresentar tecnologias e invenções além de seu tempo, Verne se esforçava para manter uma certa coerência científica em suas histórias, tornando-as plausíveis dentro do contexto do conhecimento da época. Verne costumava fazer um esboço detalhado de suas histórias antes de começar a escrevê-las. Ele delineava os principais eventos da trama, a geografia dos locais que seriam visitados e os avanços científicos envolvidos.

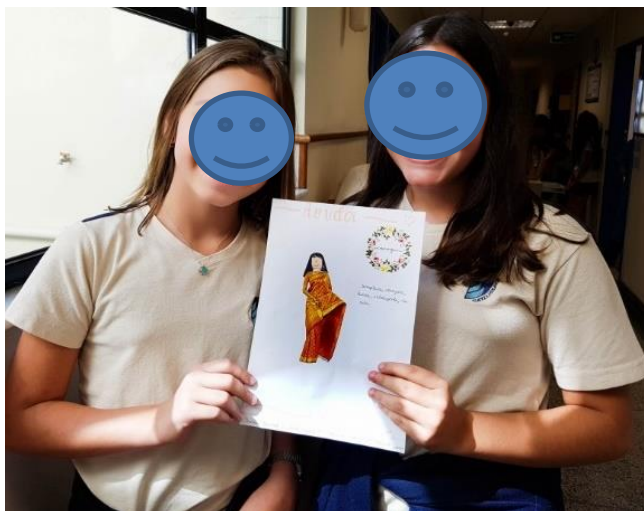
O papel do editor nas obras de Júlio Verne foi fundamental para a consolidação e sucesso do autor. Hertz e Verne tinham uma relação de parceria criativa. O editor sugeria temas e ideias para os livros, e o autor trabalhava nessas sugestões, desenvolvendo-as em histórias envolventes. O editor desempenhou um papel importante na edição e revisão das obras de Verne. Ele ajudava a aprimorar a estrutura, o estilo e a gramática dos textos, garantindo que as histórias fossem bem escritas e compreensíveis para o público.

Após essas atividades, passou-se para a leitura da obra. A leitura dos primeiros capítulos foi feita de forma compartilhada, uma forma eficaz de estimular o interesse pela leitura, promovendo a compreensão do texto e incentivando a participação ativa dos alunos. Começamos com a compartilhada leitura em voz alta, a professora sendo a leitora principal e alternando entre diferentes alunos para ler parágrafos ou páginas. Ao longo da leitura, fizeram-se pausas estratégicas para discutir o conteúdo com os alunos. Perguntou-se sobre ideias principais, personagens, eventos importantes. Dois trabalhos foram realizados: a dramatização de cenas selecionadas pelos próprios alunos e a elaboração de ilustração dos personagens: Phileas Fogg e Auda.

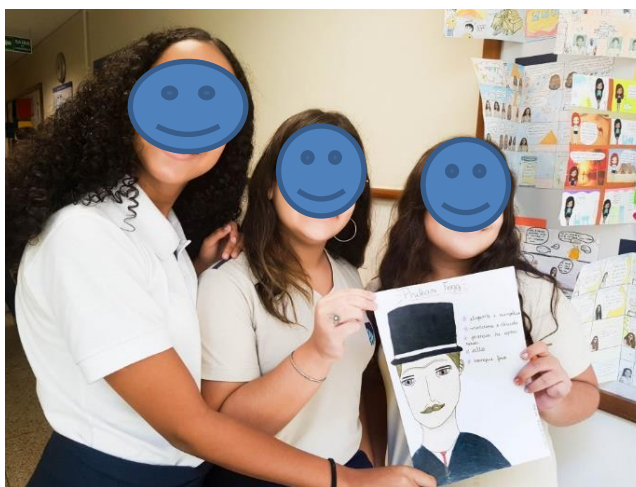
Fig.1 - Phileas Fogg



Fonte: Uma viagem..., 2018

Fig. 2 – Auda

Fonte: Uma viagem..., 2018

Fig. 3 – Phileas Fogg

Fonte: Uma viagem..., 2018

Paralelamente ao trabalho desenvolvido pela professora de Língua Portuguesa, os professores de História e Geografia começaram a desenvolver conversas e atividade para ajudar a compreensão da obra, uma vez que Verne escreveu-a no século XIX, contexto histórico-social bem diferente da atual realidade dos estudantes. O trabalho com o livro *Volta ao Mundo em 80 Dias* (VERNE, 2012) pode ser uma oportunidade para unir a literatura à Geografia e à História, permitindo que os alunos

explorem diferentes culturas, lugares e desafios geográficos ao redor do mundo, ao mesmo tempo em que refletem sobre a evolução do pensamento geográfico e as mudanças que ocorreram ao longo dos tempos. As seguintes atividades foram desenvolvidas: **contextualização histórica e geográfica** período em que o livro foi escrito e publicado (1873) com enfoque na expansão colonial europeia, a Revolução Industrial e os meios de transporte; **estudos dos aspectos geográficos e culturais dos países visitados**, como sua localização, clima, relevo, economia e tradições culturais; **trajeto da viagem**, elaboração de uma rota da viagem; os diferentes meios de transporte utilizados pelos personagens, como navio, trem, elefante, balão e outros. Discutiu-se ainda como a globalização e os avanços tecnológicos afetaram essas culturas ao longo dos tempos.

3.4 Roteiro de viagem – uma sequência didática

A produção textual escolhida para finalizar o projeto foi a produção de folhetos de roteiro de viagem. Como metodologia, elaborou-se uma sequência didática (SD) baseada na descrita por Joaquim Dolz e por Bernardo Schneuwly, em *Gêneros Orais e escritos na escola* (2004), que foi organizada de forma interdisciplinar com Língua Portuguesa, Produção Textual, História e Geografia. Essa sequência é uma abordagem estruturada de ensino que visa desenvolver a competência comunicativa dos alunos.

A estrutura da SD se apresenta no seguinte modelo (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83 – 90) com adaptações:










- a) Apresentação da situação inicial – apresentação do projeto a ser elaborado, esclarecer a estrutura e os elementos constitutivos do gênero textual a ser desenvolvido, no nosso caso o folheto de viagem com uma sugestão de roteiro.
- b) Produção inicial – elaboração de um folder de roteiro de viagem como diagnóstico do conhecimento prévios dos alunos e os problemas a serem trabalhados nos módulos mais adiante.
- c) Módulos – elaboração de atividades necessárias, que possam facilitar na versão final do folheto de viagem.

- d) Produção final – preparação da versão final com autocorreção e reescrita.

A proposta, então, era a elaboração desses folhetos com as cidades visitadas pelos personagens Fogg e Partourt: Londres (Inglaterra), Suez (Egito), Bombaim (atual Mumbai), Calcutá (Índia), Hong Kong (China), Yokohoma (Japão), São Francisco (Estados Unidos). Entretanto, entendendo a necessidade de pôr em prática a lei 10.639/03, alterada pela lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, optamos pela inclusão de mais quatro cidades do continente africano: Cidade do Cabo, Luanda, Angola e Cabo Verde para que os estudantes pudessem conhecer um pouco a cultura africana e, desta forma, criassem reflexões que possam contribuir para combater o racismo estrutural presente na sociedade e desconstruir estereótipos e preconceitos relacionados à população negra. . Acreditamos que desta forma estamos contribuindo para combater o racismo estrutural presente na sociedade e para desconstruir estereótipos e preconceitos relacionados à população negra. Ao aprender e valorizar a história e cultura afro-brasileira e africana, os alunos são incentivados a refletir sobre as desigualdades sociais e sobre a importância do respeito à diversidade. Essas atitudes promovem uma educação mais crítica e consciente, fortalecendo a educação antirracista, desenvolvendo práticas pedagógicas que desconstróem estereótipos, valorizam a diversidade e promovem o respeito entre todos os estudantes

Houve uma conversa inicial com a turma para saber qual o conhecimento dos estudantes em relação ao gênero escolhido. A professora mostrou vários folhetos de viagem. A partir desse encontro inicial, dividiu-se a turma em grupos, e sorteou-se as cidades para que cada grupo criasse um folheto de viagem com detalhes sobre a geografia, a cultura, a história e também curiosidades sobre a cidade. Para enriquecer esses folhetos, solicitou-se que os estudantes sugerissem um roteiro de três dias com dicas de hotel, restaurante e incluindo aventuras que poderiam ser vividas em cada local. Foi necessária uma pesquisa. Cada grupo teve que apresentar seu roteiro de viagem para a turma, feito no laboratório de informática, compartilhando os detalhes e as curiosidades dos cenários inspirados em Júlio Verne. Segue um destes roteiros elaborados pelos estudantes.

Fig. 4 – roteiro “Cabo Verde”

<p>Projeto Literário “Volta ao Mundo em 80 dias”</p> <p>Disciplinas: Língua Portuguesa e Produção Textual</p> <p>Gabriela Papandrea</p> <p>Heldio Alves</p> <p>Bruno Sperling</p> <p>7M1</p> 	<p>Guia de viagem</p> <h2>Cidade do Cabo</h2> 	<p>Localização: África do Sul</p> <p>Moeda: Rand</p> <p>População: 3,74 milhões (2011)</p> <p>Idiomas Oficiais: africãse • inglês • ndebele do Transvaal • sepedi (sotho) • sesoto (sotho do sul) • suazi • tsonga • tsuana • venda • xhosa • zulu</p> <p>Área: 2.455 km²</p> <p>Regime: constitucional e parlamentarista</p> 	<p>Restaurantes:</p> <p>Apache Spur Steak Ranch – SteakHouse carne de alta qualidade, mas também serve massas.</p>  <p>Hotéis:</p> <p>Townhouse Hotel – perto do centro histórico da cidade. Tem WiFi gratuito, estacionamento grátis, café da manhã e piscina. As estadas começam a partir de 528 reais a diária.</p> 
<p>Roteiro 2º dia</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Após tomar um delicioso café da manhã do hotel, você pode sair e visitar o Bo – Kaap, um bairro no centro da cidade, interessante por ser a base da cultura cape maley. ✓ Após esse passeio, temos o Castelo da Boa Esperança, construído entre 1666 e 1679. O lugar foi o centro da vida civil e administrativa do Cabo até a cidade se desenvolver e começar a se expandir para fora do castelo. ✓ Para o almoço, você pode ir no Reverie Social Table, que tem comida europeia. ✓ Após o almoço, recomendamos que você descanse, para se preparar para o próximo dia. ✓ Aproveite a piscina do hotel e o restaurante para relaxar o máximo possível. 	<p>Roteiro 3º dia</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ De manhã, depois do café, você pode visitar o Safari perto da Cidade do Cabo. ✓ Após a visita de algumas horas, é melhor dar uma parada para o almoço no Miller's Thumb, um restaurante de frutos do mar. ✓ Essa foi a programação do dia. Após essa visita, você pode descansar para pegar seu voo. 	<p>Dicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Dicas de tour: African Blue Day Tours ✓ Aluguel de carros: Economy Bookings – site para alugar carros online. ✓ Passagens aéreas: Latam Airlines, TAP Linhas Aéreas Portuguesas – empresas aéreas com promoções muito boas. 	<p>Roteiro 1º dia</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Você pode começar o dia se hospedando no Townhouse Hotel, que tem diárias a partir de 528 reais. ✓ Após se hospedar no hotel, você pode almoçar no Apache Spur Steak Ranch, um SteakHouse localizado no centro da cidade. Após o almoço, você deve conhecer alguns pontos turísticos como o Cabo da Boa Esperança ou a Table Mountain. ✓ Para jantar, recomendamos o La Colombe Restaurant. 

Fonte: Elaboração dos alunos (2018)

Para finalizar o projeto, a escola elaborou uma matéria jornalística, que publicou no site da escola, com entrevistas de professoras e de alunos envolvidos no projeto e com estudantes. A professora de Língua Portuguesa reforçou a necessidade de trabalhar os clássicos em sala de aula:

Júlio Verne é um clássico e esse projeto remete à importância de trazer os clássicos para o ambiente cultural deles, reeditando e atualizando. O livro não tem imagens, então os convidei a ilustrarem sua imaginação, colocando em imagem as descrições presentes nas narrativas. (UMA VIAGEM..., *on-line*, 2018)

Já a professora de Produção textual, ressaltou a importância de conhecer a diversidade cultural: “Foi muito bacana ver que eles se surpreenderam com o que encontraram em suas pesquisas” (UMA VIAGEM..., *on-line*, 2018).

BREVES CONSIDERAÇÕES

A Volta ao Mundo em 80 Dias (VERNE, 2012) é uma história empolgante e cativante, repleta de aventuras e reviravoltas, que demonstra a capacidade do ser humano de superar desafios aparentemente impossíveis. Entretanto, é necessário ressaltar que, ao ler obras clássicas, é essencial considerar as questões culturais e contextuais da época em que foram escritos. Embora possam apresentar visões antiquadas e preconceituosas, essas obras também podem fornecer reflexões sobre a história e o pensamento de épocas passadas. O importante é sempre ter um posicionamento crítico e consciente, reconhecendo e refletindo sobre os preconceitos que ainda possam estar presentes na nossa sociedade. Entende-se que atividades como essas contribuem para combater a discriminação e o preconceito por discutir abertamente sobre diversidade cultural, ajudando a desconstruir estereótipos, discriminação e preconceitos que podem surgir a partir de desconhecimento ou ignorância sobre outras culturas. Ao aprender sobre outras culturas, as pessoas também podem refletir sobre sua própria identidade cultural, entendendo melhor suas raízes e valores

Assim discutir a diversidade cultural é essencial na promoção de uma educação inclusiva, que reconheça e valorize as diversas origens culturais dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizado mais acolhedor e enriquecedor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. **Boitempo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

BLOOM, H. **Como e por que ler**. Tradução: José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**.

Brasília, DF: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2017.

Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

CLÁSSICO. In: MICHAELIS - dicionário brasileiro de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Melhoramentos, [2023]. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mito/>, Acesso em: 04 jul. 2023.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrito: Apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução: Glais Sales Cordeiro e Roxane Rojo. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 81-108.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução: Glais Sales Cordeiro e Roxane Rojo. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 81-108.

EAGLETON, T. **Como ler literatura**. Tradução: Denise Bottmann. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MEU JÚLIO Verne. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (55 min). Filmado por Patrício Guzmán. Publicado pelo canal TVEscola1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWv8WZozsng>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas Literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PESSOA, F. **O livro do desassossego**. [S. l.: s. n.], [19--?]. Disponível em: <https://www.agr-tc.pt/bibliotecadigital/aetc/index.php?page=9&query=LIVRO%20DO%20DESASSOSSEGO&db=&scope=book>. Acesso em: 27 jul. 2023.

ROBERTS, A. **A verdadeira história da ficção científica**: do preconceito à conquista das massas. Tradução: Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.

SCHEINHARDT, P. Jules Verne: un processus d'écriture sous contrainte. **REVELL**, v. 2, n. 29. ago. 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genesis/636>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SERRES, M. **Jouvences sur Jules Verne**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1974. (Coll. Critique).

UMA VIAGEM por Júlio Verne. **Instituto Gaylussac**, Niterói, 23 ago. 2018. Disponível em: <https://www.gaylussac.com.br/acontece/uma-viagem-por-julio-verne>. Acesso em: 28 jul. 2023.

VERNE, J. **Volta ao mundo em 80 dias**. Tradução: Teotonio Simões. [19--?], 2001. Disponível em: https://memoria.ebc.com.br/sites/_portalebc2014/files/atoms/files/-a_volta_ao_mundo_em_80_dias_-_julio_verne.pdf. Acesso em: 26 jul. 2023.

VERNE, J. **Senhor do mundo**. São Paulo: Hemus, 2002.

VERNE, J. **Paris do século XX**. São Paulo: Ática, 2006.

VERNE, J. **Volta ao mundo em 80 dias**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

VERNE, J. **Vinte Mil Léguas Submarinas**. São Paulo: Principis, 2019.

VERNE, J. **A jangada: 800 léguas pelo Amazonas**. Rio de Janeiro: L&PM Pocket, 2020.

VERNE, J. **Da Terra à Lua**. São Paulo: Principis, 2021.

Sobre a autora

Simone Maria Bacellar Moreira

Professora adjunta e coordenadora do setor de Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ. Possui graduação em Letras (Português/Francês) pela UFF (2003), mestrado em Literaturas Francófonas pela UFF (2006) e doutorado em Letras também pela UFF (2011). Coordenadora de Graduação de Letras da FFP/UERJ de julho de 2019 a setembro de 2022, Coordenadora de área de Língua Portuguesa da FFP/UERJ no Projeto PIBID 2020/2021, coordenadora do Projeto de Prodência "Projeto: Círculos de Letramento -

Tecendo Narrativas de Vivência" de 2022/2024, membro do Projeto de Pesquisa A narrativa entre a ficção e o documento, entre o mesmo e o outro (UFF) e Linguagem & Sociedade (FFP).